

CONTEXTOS HISTÓRICOS E SOCIOPOLÍTICOS DOS MANGÁS E ANIMÊS E SUA POTENCIALIDADE NO ENSINO

Bruna Navarone Santos e Anunciata Sawada

Este estudo pretende discutir contextos históricos e sociopolíticos da construção e divulgação dos Mangás e Animês japoneses, com base na seguinte questão norteadora: como a linguagem das emoções utilizadas pelos Mangás e Animês podem comunicar e sensibilizar o leitor sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico, no ambiente, no período pós-Segunda Guerra Mundial? Para ilustrar como esta discussão pode ser representada por algumas animações japonesas, analisamos o filme "Nausicaã do Vale do Vento" [風の谷のナウシカ, "Kaze no Tani no Naushika"] produzido por Hayao Miyazaki em 1984. Procuramos neste texto nos adequar as novas denominações usadas por pesquisadores no que tange a ambiente e meio ambiente. Pelas determinações vigentes devemos utilizar o termo "ambiente" que compreende: "[...] olhar integral sobre o ambiente em suas dimensões físicas, socioculturais e biopsicossociais [...]." [Layrargues e Puggian, 2018, p.135]

Sustenta-se a relevância desta discussão em sala de aula para os estudantes no Ensino Médio, tendo como referências algumas orientações da Base Nacional Comum Curricular [BNCC, 2018]. Estas orientações sugerem que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, incluindo as teorias, conceitos e metodologias das áreas de Sociologia, Filosofia, Geografia e História, devem propiciar a estes estudantes a desnaturalização e problematização das condições de vida em sociedade. Da mesma forma propõe abordar estas condições enquanto construídas a partir das relações e interações sociais com outros indivíduos. Assim se pode mobilizar os estudantes a compreenderem suas percepções de mundo em relação a outras, reconhecendo que as percepções atribuem diferentes significados às práticas que interferem na natureza e a transforma [BNCC, 2018].

A Base Nacional Comum Curricular [BNCC, 2018] pretende que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deva possibilitar aos estudantes de Ensino Médio reconhecerem suas responsabilidades coletivas na relação e cuidado do ambiente. Para tal, é sugerido que as teorias, conceitos e metodologias desta área possam corroborar para desenvolver capacidades necessárias para questionarem e não tornarem natural os modos já convencionados de intervir na natureza. Estes modos, geralmente, objetificam o ambiente apenas enquanto recurso individualizado para subsistência humana [BNCC, 2018].

Desta forma, a BNCC [2018] sugere não só o desenvolvimento das capacidades para aprender, buscar, formular e intervir, como também para pesquisar e selecionar informações, organizar, comparar e analisar com base em procedimentos analíticos e interpretativos, destas áreas, pelo domínio de conceitos, argumentação e sistematização das maneiras de apreender estes conhecimentos.

Esta BNCC [2018] também recomenda que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas introduza os estudantes a mobilizarem diferentes linguagens, textuais, imagéticas e artísticas, de modo a tematizar e problematizar os fenômenos sociais a serem estudados. Por exemplo, quando abordarem os fenômenos da relação entre indivíduo, natureza e sociedade. No que diz respeito a estes fenômenos se considera a influência de aspectos históricos, culturais e sociais sobre os diversos modos em que os grupos sociais realizam suas interações com a natureza, incluindo os problemas ambientais resultantes destas interferências [BNCC, 2018].

Neste contexto se compreende a natureza enquanto ambiente em suas dimensões relacionadas ao senso de pertencimento, bem-estar social, reprodução social, econômica e cultural de seus grupos, também enquanto fonte de recursos para reprodução material da biodiversidade [Layrargues e Puggian, 2018]. Argumenta-se que as relações as quais as sociedades podem ter com o ambiente são influenciadas pela importância atribuída a este, pelos valores e crenças socioculturais que fundamentam estas relações [BNCC, 2018].

Ainda, nesta etapa do Ensino Médio, os conhecimentos sociológicos também são imprescindíveis para propiciar uma visão crítica e contextualizada das realidades que os jovens estão lidando. Este cenário possibilita construir e desconstruir estas interpretações dos fenômenos quando inseridos em determinado contexto histórico, social e cultural. Assim se pode compreender a sociedade a partir de diferentes formas de organização de tradições, práticas, hábitos, costumes e valores. Portanto, analisar, comparar e compreender diferentes sociedades, suas culturas e instituições, enquanto formações desenvolvidas em determinado tempo e espaço mediante relações de poder, são algumas das aprendizagens propostas pela área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio [BNCC, 2018].

Para entender o cenário em que os Mangás e Animês ganham popularidade no pós-Segunda Guerra Mundial buscaremos apresentar alguns aspectos do contexto histórico e sociopolítico daquele momento, com foco nas relações entre os governos dos Estados Unidos e Japão e suas cooperações em políticas desenvolvimentistas que influenciaram o cotidiano dos japoneses.

Mangás e Animês no período pós-Segunda Guerra Mundial

No período pós-Segunda Guerra Mundial, o governo japonês vigente representado pelo Primeiro-Ministro Yoshida Shigeru [1946 – 1954] estava engajado em reconstruir a infraestrutura e economia do país que fora exaurida durante enfrentamentos e bombardeios, inclusive atômicos, no período da Guerra [Watanabe, 2011].

Neste contexto pós-Segunda Guerra Mundial havia a intenção de cooperação entre o governo japonês e dos Estados Unidos em busca do desenvolvimento do país. Esta cooperação foi oficializada no momento da assinatura do Tratado de Segurança Mútua entre o governo estadunidense e

o japonês em 1951. O acordo determinou como as forças militares dos Estados Unidos deveriam atuar em solo japonês. Os principais objetivos desta ocupação foram desmilitarizar e democratizar o Japão, para que este não voltasse a ser uma ameaça política e econômica aos Estados Unidos [Watanabe, 2011; Lemos, 2012].

A partir do Tratado de Segurança Mútua, o Primeiro-Ministro japonês constituiu uma política desenvolvimentista chamada Doutrina Yoshida. A doutrina buscava investir na parceria militar-industrial com o governo estadunidense e focava na reestruturação econômica. Este governo começou a investir na indústria japonesa, empregando japoneses para produzirem e fornecerem armas e demais equipamentos tecnológicos para os enfrentamentos durante a Guerra na Coreia [1950 - 1953]. Também promoveu a substituição do carvão, produzido nacionalmente no Japão, pelo petróleo [Lemos, 2012].

É importante ressaltar que esta ideia de desenvolvimento tem como marco o discurso do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, em 1949. Truman alegava que era preciso intervir nas nações consideradas economicamente atrasadas e rurais, incluindo o Japão. Agências internacionais foram convocadas para investirem em estudos e projetos de intervenção para proporem soluções [Castro, 2002].

Como fundamento destes projetos e práticas de intervenção no Japão, a Teoria Malthusiana também corroborava o investimento neste desenvolvimento científico e tecnológico no cotidiano dos japoneses. Esta teoria, muito popular na comunidade científica estadunidense, popularizou-se no Japão. Acreditava-se que a população tendia a crescer em ritmo acelerado, de forma a superar a oferta de alimentos, resultando em fome e miséria. Desta forma, os governos do Japão e dos Estados Unidos consideravam o crescimento populacional no Japão como um problema que poderia causar escassez dos recursos naturais, alimentos e território. Acreditavam também que favoreceria a fome, pobreza e doenças em lugares muito povoados no Japão [Homei, 2016].

Diante desta problemática, nos anos 50, convocaram a cooperação dos especialistas estadunidenses Edward A. Ackerman, geógrafo, e Warren S. Thompson, sociólogo, com o governo japonês. Esta cooperação corroborou com políticas públicas que propagavam o controle da natalidade, principalmente com foco em famílias japonesas moradoras em áreas rurais e socioeconomicamente mais vulneráveis. A política de controle de natalidade, divulgada pela mídia japonesa da época, também foi introduzida em hospitais e postos de saúde como parte da formação de profissionais responsáveis por orientar e fornecer os métodos contraceptivos à população [Homei, 2016].

Diante deste cenário, analisaremos brevemente como os Mangás e Animês podem representar problematizações sobre os impactos destas políticas no ambiente. Por exemplo, quando utilizam linguagens que consideram signos típicos da cultura japonesa e da cultura ocidental, tendo em vista realizar

uma identificação com o leitor tanto por discursos do cotidiano, representando experiências parecidas com as que o leitor vivenciou, ou que deseja vivenciar, quanto pela humanização dos personagens de modo que haja uma maior interatividade entre o enredo e o leitor [Linsingen, 2007; Coêlho e Nascimento, 2010].

Linguagem das emoções nos Mangás e Animês

No contexto pós-Segunda Guerra Mundial, o Mangá se adequou a abertura cultural, política e econômica entre os governos do Japão e dos Estados Unidos. A palavra Mangá significa desenho “sem importância” e foi usado pela primeira vez em 1814 por Katsushika Hokusai, pintor japonês que costumava retratar figuras de seu cotidiano e caricaturava pessoas a sua volta [Sawada et al, 2009].

O Mangá, como se reconhece atualmente, foi constituído por uma indústria de entretenimento que até hoje se apropria de algumas características de histórias em quadrinhos americanas [Luytem, 2001, apud Coêlho e Nascimento, 2010]. Como exemplo: linearidade em suas histórias e personagens fixos, situada a partir do nascimento dos personagens, sua adolescência, maturidade e envelhecimento; integração entre a linguagem verbal e não-verbal mediante utilização de quadros e balões para comunicar as histórias com enfoque nos desenhos [Moliné, 2004, apud Coêlho e Nascimento].

Na década de 20, com o advento do cinema, os japoneses puderam utilizá-lo para construir animações [animation – animê] baseadas nestas histórias e linguagens do Mangá [Sato, 2005, apud Coêlho e Nascimento, 2010]. Contudo, somente na década de 50 o termo Animê é convencionado como referência aos desenhos animados japoneses [Luytem, 2001, apud Coêlho e Nascimento, 2010].

O Animê começa a utilizar técnicas de enquadramento cinematográfico que induzem movimento e passagem de tempo nestas histórias. Assim como o Mangá, adota outras características diferenciadas das histórias em quadrinhos americanas: o desenho acentuado dos olhos que buscam representar as emoções e sensibilizar o leitor [Moliné, 2004, apud Coêlho e Nascimento, 2010]. Desta forma se utiliza uma linguagem de emoções que compreende técnicas corporais, expressões faciais, posturas e gestos [Abu-Lughod e Lutz, 1990, apud Zembylas, 2003] que além da sensibilização, comunicam ao mesmo tempo a história.

Esta história, geralmente, informa conhecimentos, valores e costumes da cultura japonesa, aproximando o enredo à vida cotidiana quando apresenta o viver dos personagens como verossímil, ou seja, reconhecido como realidade possível. Nesta representação os personagens também comunicam ambiguidade de valores como uma questão social e cotidiana [Coêlho e Nascimento, 2010]. Como exemplo, na imagem a seguir se pode interpretar estas características numa representação do encontro entre a princesa Nausicaä e seu professor Yupa. Adiante nos dedicaremos a uma análise deste Mangá e Animê, dentro do contexto proposto:



Figura 1 Encontro da princesa Nausicaä com seu professor Yupa, após ajudá-lo a fugir de um dos insetos da floresta tóxica. Página 23, volume 1, capítulo 1, Mangá "Nausicaä do Vale do Vento" [風の谷のナウシカ, "Kaze no Tani no Naushika"] Fonte: <http://www.mangapanda.com/nausicaa-of-the-valley-of-the-wind/1/23>

Nesta reprodução do Mangá se percebe que o emprego de signos não verbais, como a troca de olhares, abraços e outros gestos corporais, também são importantes para determinar o sentido do significado que se quer expressar sobre o encontro entre a princesa Nausicaä com seu professor. Portanto, o contexto não verbal enquanto um elemento ideológico constitui a forma e conteúdo do enunciado, considerando este contexto enquanto fator social que determina os conhecimentos e intenções dos interlocutores, o tema e avaliação do que está sendo comunicado [Silvestri e Blanck, 1993].

A partir desta contextualização da produção e divulgação do Animê e Mangá se torna possível compreendê-los como enunciados que fazem parte de um contexto histórico e ideológico, enquanto um sistema de ideias socialmente determinado com juízos de valor e visões de mundo de uma dada sociedade [Silvestri e Blanck, 1993]. Para ensejar esta análise, veremos em seguida o enredo do filme "Nausicaä do Vale do Vento" e seus possíveis enunciados críticos sobre os impactos deste desenvolvimento científico e tecnológico na sociedade japonesa.



Figura 2 Capa do volume 1, Mangá "Nausicaä do Vale do Vento" [風の谷のナウシカ, "Kaze no Tani no Naushika"] Fonte: <http://www.mangapanda.com/nausicaa-of-the-valley-of-the-wind/1>

Nausicaä do Vale do Vento

A partir da análise de alguns enunciados presentes no "Nausicaä do Vale do Vento" se pretende que os estudantes os compreendam em relação as representações imagéticas, enquanto expressões de visões de mundo. A partir da concepção das relações sociais, contexto histórico, cultural, onde as representações estão inseridas e, por outro lado, que influencia tanto as representações dos fenômenos como também as interpretações de quem os observa [Silva, 2017].

Neste exercício se busca incentivar os estudantes a perceberem as linguagens verbais e não-verbais presentes no Animê como uma construção. E, desta forma, possibilitar que compreendam esta animação como expressão de determinados enunciados e ideologias sobre determinado fenômeno da sociedade [de Lima Moura, 2011]. Este pressuposto encontra respaldo nas determinações sugeridas pela BNCC [2018] como já citado no início deste estudo: mobilização de diferentes linguagens textuais, imagéticas e artísticas, com o intuito de abordar os fenômenos da relação indivíduo-natureza-sociedade.

O filme "Nausicaä do Vale do Vento" criado por Hayao Miyazaki em 1984, baseado em seu Mangá homônimo e publicado em 1982, pressupõe que a humanidade provocou a destruição do ambiente onde habitam. O filme é situado num contexto, datado em mil anos, após uma guerra que exterminou a maior parte da civilização humana. Posteriormente a esta guerra, um tipo de floresta tóxica à vida humana começa a se alastrar na superfície terrestre [Coelho e Meira, 2017].

Os sobreviventes são representados como divididos em três grupos sociais. Dentre estes, Pejite e Torumekia tratam e representam esta floresta tóxica como um inimigo a ser eliminado. Embora tenham em comum a atitude de combater os insetos que moram na floresta tóxica, as duas nações vivem em guerra. Já o grupo Vale do Vento representa esta floresta com respeito e temor, mas não busca sua destruição. Este grupo até utiliza e enxerga os recursos desta floresta como renováveis e importantes para fabricar seus armamentos. Este grupo também tem como referência as atitudes da princesa Nausicaä que defende a possibilidade de convivência entre os humanos e a floresta tóxica [Coelho e Meira, 2017].

Durante o enredo desta animação se revela o interesse desta princesa em compreender o processo que está causando a existência da toxicidade da floresta. Este interesse é representado quando a Nausicaä está em seu laboratório secreto, cultivando as plantas derivadas da floresta tóxica, e o seu professor a descobre. Ela admite que criou estas plantas com a água e a terra fornecidas no subterrâneo e, desta forma, apresenta como hipótese o fato de a poluição tóxica está na própria superfície da terra destruída pelos humanos. Também sustenta que a floresta tóxica tem um papel importante no que diz respeito as árvores que absorvem as toxinas na superfície e os insetos que atuam como protetores desta floresta [Coelho e Meira, 2017].

O contraponto das atitudes desta princesa Nausicaä é uma outra liderança chamada Kushana, pertencente ao grupo Torumekia. Ela representa a floresta e seus insetos como inimigos, quando revela que perdeu uma das mãos num combate com um inseto, buscando convencer os membros do Vale do Vento a se unirem para dizimar a floresta e seus insetos integrantes. Nesta cena se percebe a ambiguidade dos valores e condutas que são típicas dos Mangás e Animês: Kushana e os outros indivíduos que representam e tratam a floresta como inimigo não são definidos como maus, mas apenas como pessoas que temem e não buscam a compreensão sobre as condições de vida dos seres com quem também convivem [Linsingen, 2007; Coelho e Meira, 2017].

Neste enredo se percebe a crítica ao modo de produção fundamentado no tipo de desenvolvimento científico, tecnológico, importado dos Estados Unidos e que exerceu controle sobre o cotidiano dos japoneses neste período pós-Segunda Guerra. Um modo de intervenção e de produção que preza pelo consumo dos recursos no ambiente, sem reflexão sobre os possíveis impactos para o seu bem-estar e de sua biodiversidade.

É preciso ressaltar que nesta tentativa de compreensão do Animê, enquanto um potencial veículo de difusão de informação em ciência, não há intenção de buscar correspondência entre os fatos e as representações imagéticas, mas expressar possíveis ideias, concepções de mundo, da sociedade japonesa diante deste processo desenvolvimentista. E, desta maneira, possibilitar um modo de conhecer estas ideias e concepções na forma como sociedades as produzem visualmente [de Lima Moura, 2011].

Considerações finais

A partir desta contextualização histórica e sociopolítica dos possíveis enunciados dos Mangás e Animês se compreende a importância de desnaturalizar e problematizar a ideia das suas imagens e enunciados, quando são tratadas como ingênuas e somente para entretenimento.

É interessante notar que Nausicaã tem uma forte representação na figura feminina e na contextualização de seu empenho na pesquisa científica ao tentar defender a floresta e seus habitantes dos humanos que a destruíram. Ao lado disso, a face da proteção ecológica que encontramos na protagonista nesta ação, vem ao encontro do preconizado pela Base Nacional Comum Curricular [BNCC, 2018] como citado no início deste estudo, ao objetivar a responsabilidade coletiva em relação aos cuidados do ambiente.

Sustenta-se que as representações imagéticas no Mangá e Animê fazem parte de contextos históricos e ideológicos. Para entendê-las é preciso considerar estas representações como objeto de conhecimento que pode evidenciar as relações políticas, históricas, e sociais, de uma dada realidade onde estão inseridas [de Lima Moura, 2011].

Referências

Bruna Navarone Santos é Bacharel e Licencianda em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro [UERJ]. Mestranda em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz [PGEBS/IOC/Fiocruz]. E-mail: bnavarone@gmail.com.

Anunciata Sawada é Licenciada em Educação Artística e Bacharel em Museologia pela UNIRIO, Especialista em Ciência das Artes pela Universidade Municipal de Artes de Kyoto, Japão, Mestre e Doutoranda em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz [PGEBS/IOC/Fiocruz]. Atualmente é Tecnologista Sênior em Saúde Pública no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos [LITEB/IOC/Fiocruz] e Docente da Pós-Graduação Lato Sensu Ciência, Arte e Cultura na Saúde [IOC/Fiocruz]. E-mail : sawada@ioc.fiocruz.br.

A presente pesquisa tem sido construída em colaboração com os membros do grupo de pesquisa Animê, Mangá e SciFi no Ensino de Ciências no Instituto Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz, sob coordenação da pesquisadora Anunciata Sawada.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: Governo Federal, 2018. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 10 jan. 2020.

COELHO, C. T.; NASCIMENTO, E. L. Mangá: uma ferramenta didática para multiletramentos. In: Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 8., 2010, Londrina, PR. Anais XVIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina: UEL, 2010. p.389-408.

- COELHO, C. J. H.; MEIRA, R. A. Educação Ambiental Crítica e a filmografia de Hayao Miyazaki como recurso pedagógico de sensibilização à atitudes sustentáveis. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI BRASÍLIA - DF, 26., Brasília, DF. Anais do XXVI ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI BRASÍLIA - DF. Brasília: CICB, 2017, p.61-80.
- CASTRO, J. P. M. Desenvolvimento e tecnologia de controle populacional. *Gestar e Gerir: estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil*, p. 229-258, 2002.
- DE LIMA MOURA, L. L. Imagem e conhecimento o uso de recursos didáticos visuais nas aulas de Sociologia. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, v. 12, n. 100, p. 159-182, 2011.
- LAYRARGUES, P. P.; PUGGIAN, C.. A Educação Ambiental que se aprende na luta com os movimentos sociais: defendendo o território e resistindo contra o desenvolvimentismo capitalista. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 13, n. 1, p. 131-153, 2018.
- LEMONS, J. V. B. Milagres Econômicos: uma comparação entre Brasil e China. Rio de Janeiro, 2012. Monografia - Departamento de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- LINSINGEN, L. V. Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de ciências sob a perspectiva CTS. *Ciência & Ensino*, v.1, n.p., 2007.
- HOMEI, A. The science of population and birth control in post-war Japan. In: [Ed.] WITTNER, D. G.; BROWN, P. C. *The Science, Technology, and Medicine in the Modern Japanese Empire*. New York: Routledge, 2016. p. 227-243.
- SAWADA, A.; KAMEL, C. R. L.; DE LA ROCQUE, L. R. Ecofeminismo e reprodução em questão: lançando um olhar sobre o imaginário feminismo através do mangá *Marginal*, de Moto Hagio e a *Mão Esquerda da Escuridão*, de Úrsula Le Guin. In: Ana Lucia de Sousa Henriques. [Org.]. *Feminismos, Identidades, Comparativismos: Vertentes nas Literaturas de Língua Inglesa*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009, v. VII. p. 73-83.
- SILVA, A. O. Fotografia e ensino de Sociologia. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 16, n. 190, p. 41-51, 2017.
- SILVESTRI, A.; BAKHTIN, M. M.; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Anthropos Editorial, 1993.
- WATANABE, P. D. A reinserção internacional do Japão no pós-segunda guerra mundial. *Proceedings of the 3rd ENABRI 2011 3 Encontro Nacional ABRI 2011*, n.p., 2011.
- ZEMBYLAS, M. Making sense of the complex entanglement between emotion and pedagogy: Contributions of the affective turn. *Cultural Studies of Science Education*, v. 11, n. 3, p. 539-550, 2016.